

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

13

東方學研究所  
東方學研究所

lhora maneira possível e sempre com grande rigor científico. Por tudo isso Albertz deve ser felicitado por este grandioso trabalho e uma tradução portuguesa desta obra seria de grande utilidade para os estudos bíblicos nos países lusófonos.

**Emanuel Bouzon**

VÁRIOS, *Aegyptiaca Animalia. Il bestiario del Nilo*, Museo di Antropologia ed Etnografia dell'Università di Torino, Arké, Turim, 2000, 96 pp.

Este volume, dedicado aos mais significativos animais da imensa fauna nilótica, é o reflexo de uma exposição realizada no Museo di Antropologia ed Etnografia de Turim, de Outubro de 2000 a Junho de 2001, numa organização conjunta da direcção do Museu Egípcio de Turim e do Dipartimento di Biologia Animale e deH'Uomo dell'Università di Torino. A obra tem um prefácio de Anna Maria Donadoni Roveri, directora do Museu Egípcio de Turim, e Emma Rabino Massa (pp. 4-5), seguindo-se um breve texto de apresentação da autoria de Renato Grilletto e Enrichetta Leospo (p. 7).

O variado leque de colaborações abre com um texto de Giusto Benedetti, sobre «Il bestiario del Nilo» (pp. 9-14), onde se enumeram alguns dos animais característicos da fauna nilótica, estabelecendo as suas relações com várias divindades: o hipopótamo que era a hipostase de Tauret, o crocodilo de Sobek, o babuíno de Tot. Quanto ao animal que era a representação de Anúbis, muitas vezes erradamente descrito como um chacal, era antes uma espécie de canídeo de focinho afilado — em todo o caso, «non sciacallo, come molti ancora pensano, ma quasi sicuramente cane» (p. 13). A divindade associada ao cão era Khentamenti (depois absorvida por Osiris), enquanto o lobo hipostasiava Uepuauet. O autor identifica o controverso deus Set (cujo animal é visto como um lebreiro, um burro, uma girafa, um okapi, ou a mistura deles todos) como sendo o oriteropo. São ainda reproduzidas imagens de animais que se vêem em túmulos de funcionários, como o mangusto e o crocodilo da mastaba de Mereruka (Império Antigo), a girafa, a raposa e o cervo que figuram na mastaba de Ukh-hotep (Império Médio).

Segue-se «Il culto degli animali nell'antico Egitto» (pp. 15-22), redigido por Enrichetta Leospo, lembrando que se detectam já na Paleta de Narmer animais venerados por qualidades particulares, muitos deles venerados como suportes materiais de certas divindades. Alguns

identificavam as várias províncias (*sepaut*) do antigo Egípto como repercussões de um totemismo pré-dinástico. O culto de um animal sagrado consistia essencialmente na veneração da sua estátua que se guardava no templo de acordo com rituais prescritos, sendo o exemplo mais consagrado o do boi Ápis, o animal sagrado de Ptah de Mênfis. Outros touros como Bukhis (de Montu) ou Mnévis (de Ré) eram bem conhecidos, sendo igualmente muito venerada a vaca de Hathor, para além do carneiro de Amon (juntamente com o ganso), o carneiro sagrado de Mênfis, o babuíno de Tot, o falcão de Hórus, o gato, que foi visto no Império Novo como uma manifestação de Ré, a gata de Bastet, a leoa de Sekhmet, o cão de Anúbis (e não o chacal), e enfim, certos peixes (como o oxirinco ligado a Osíris por ter devorado o falo do deus). O culto destes e de outros animais originou a criação de vastas necrópoles que o artigo sumariamente vai enumerando.

Em seguida Valeria Córtese apresenta «Animali, creature venerate e temute» (pp. 23-27), testemunhando que o culto remonta à pré-história egípcia, embora certas imagens que hoje são para nós muito interpelantes, como a do escaravelho, possam ser posteriores. A auto-génese solar patenteava-se no escaravelho e na sua imagem que tanto seduzia os Egípcios, associando o coprófago e a sua bola de esterco ao movimento regular do sol. O escaravelho e outros animais reproduziam-se na forma de amuletos com um grande valor apotropaico e amplas virtudes taumatúrgicas. Existiam animais de dupla valência, tanto benéfica como por vezes maléfica: estão neste caso o touro, a serpente, o hipopótamo e o escorpião entre outros. Para se oporem aos aspectos maléficos de certos animais existia uma vasta panóplia de fórmulas mágicas e ritos propiciatórios que a autora recorda, com o recurso a textos mais ou menos conhecidos.

O específico tema de «Il culto delle divinité zoomorfe nel villaggio operaio di Deir el-Medina» é da autoria de Mario Tosi (pp. 29-36), abordando a especificidade das vivências dos operários dos túmulos reais e suas famílias, a Pademi do Império Novo, fundada em princípios da XVIII dinastia. Entre as divindades zoomórficas cultuadas no local sobressaem Hathor (em forma de vaca), Tauret (hipopótamo-fêmea), Meretseguer (serpente), Serket (escorpião), Bastet (gata), Anúbis (cão selvagem), Amon (carneiro), entre outras.

O testemunho dos autores clássicos e vários documentos egípcios, para além da enorme quantidade de múmias de animais, permitiram a Alain Charron evocar «La morte degli animali» (pp. 37-54), sobretudo quanto aos aspectos ligados aos sacrifícios rituais em que alguns animais eram imolados. É do mesmo autor o texto seguinte, sobre «Le

pseudo-mummie» (pp. 55-61), a propósito da observação de alguns invólucros de múmia que, quando desenrolados, mostraram que lá dentro estava apenas uma estatueta.

«L'imbalsamazione» é o título da contribuição de Renato Grilletto (pp. 63-73), a qual está enriquecida com várias fotografias que mostram animais embalsamados (cão, macaco, íbis, falcão, serpente, peixe, mangusto e gato). Citando um texto clássico conhecido pela designação de «Ritual do Embalsamamento», o autor enumera os diversos passos da prática, sublinhando que afinal os animais tinham o mesmo tratamento que os humanos nas fases de embalsamamento dos seus corpos. Os exemplos mais consistentes são dados com os touros Ápis e o seu sepultamento no Serapeum de Sakara. Quanto às quantidades impressionantes de múmias de animais encontradas em necrópoles um pouco por todo o Egipto é apresentada como paradigma a necrópole de Bubástis onde, em finais do século XIX, foram achados mais de trezentos mil gatos mumificados.

Segue-se uma página contendo uma pequena lista com «I nomi degli animali esposti in Mostra» (p. 74). Lá vem o bem conhecido babuíno ou macaco cinocéfaló (*Papio hamadryas*), o cão (*Canis lupus familiaris*), a carpa nilótica (*Lates niloticus*), a cobra (*Naja haje*), o erodilo (*Crocodylus niloticus*), o falcão (*Falco biarmicus*), o gato (*Felis silvestris lybica*), o íbis (*Threskiornis aethiopica*), o mangusto (*Mungo ichneumon*) e o touro (*Bos primigenius taurus*). Finalmente, com «Indagine radiológica», de Federico Cesaranj (pp. 75-76), observamos os resultados de radiografias feitas a diversos animais mumificados.

A obra vai concluir com a Bibliografia (pp. 77-79) e o catálogo da mostra patente no Museu Egípcio de Turim, que expõe 96 objectos. Segue-se uma carta geográfica do Egipto e uma tábua cronológica, a qual, e ao contrário do que é costume, insere os quatro séculos correspondentes às XXI-XXV dinastias na Época Baixa, omitindo desta forma o Terceiro Período Intermediário, que está mais do que consagrado nas habituais periodizações.

O volume foi enriquecido com um caderno central de dezasseis páginas (não numeradas) que exibem esclarecedoras fotografias a cores de algumas das peças que constaram na mostra. Acrescente-se que o comité científico da exposição era composto por Giusto Benedetti, Federico Cesaranj, Alain Charron, Valeria Córtese, Anna Maria Donadoni Roveri, Renato Grilletto, Enrichetta Leospo, Pietro Paserin d'Entrèves e Emma Rabino Massa.

**Luis Manuel de Araújo**